

O impacto da comunicação eletrônica na produção de textos

(The impact of electronic communication in writing texts)

Maria Helena da Nóbrega

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

Inobrega@fearp.usp.br

Abstract: This paper analyses the ways e-mails are written to demonstrate how they affect other text's productions. The aim is to analyze how texts are written in electronic communication, comparing them with other types of texts in order to classify them as a hybrid genre, produced by all the technological means available. It is an exploratory research, and the method takes into account the functionalism theories which use an instrumental perspective. Textual linguistics theories demonstrate a conceptual parallel of the traditional genres and the recent ones, like e-mails. By descriptive method, the writing is analyzed and the conclusion is that the language used in e-mails produces a new type of writer, with affects the reader as well.

Keywords: *writing; reading; e-mails; teaching.*

Resumo: Neste artigo estudam-se os processos de produção redacional da correspondência eletrônica – *e-mails* – para dimensionar a interferência deles na criação textual. O objetivo é analisar a especificidade da escrita na comunicação eletrônica, comparando-a com outras e situando-a como gênero híbrido, influenciado pelos recursos disponíveis. Trata-se de uma pesquisa exploratória, e o método alicerça-se nas teorias funcionalistas que adotam uma perspectiva instrumental. Fundamentações teóricas da lingüística textual permitem estabelecer um paralelo conceitual de gêneros já estudados e modelos textuais relativamente recentes, como os *e-mails*. Pelo método descritivo, analisam-se os aspectos redacionais e conclui-se que a utilização da linguagem na correspondência eletrônica produz um novo tipo de autor, com conseqüências que interferem também no destinatário.

Palavras-chave: *redação; leitura; e-mail; ensino.*

Introdução

Quando os computadores começaram a se tornar mais acessíveis, ninguém seria capaz de prever as alterações que isso causaria na vida das pessoas. A crescente mudança de hábitos comprova-se hoje nas compras realizadas pela internet, nas pesquisas feitas em *sites* de busca, nos relacionamentos desenvolvidos na rede, na difusão de notícias etc. Faz-se de tudo pela internet: aprende-se, paquera-se, namora-se, trabalha-se – sem sair de casa. Isso muda por completo a relação das pessoas com

o mundo, pois a forma de obter informação ampliou-se, o que leva a exigências novas e crescentes no mercado de trabalho, que cada vez se especializa mais. Novas formas de entretenimento – por exemplo, *sites* de relacionamento e MSN – também surgiram, o que fez com que a televisão perdesse a hegemonia de que desfrutou durante muito tempo. Em 2007 foram vendidos 10,5 milhões de computadores no Brasil e "pela primeira vez, as pessoas compraram mais computadores do que televisores". (CRUZ, 2008, p. B23)

Embora a difusão seja crescente – "[...] o número de usuários de internet no país ultrapassou a barreira dos 40 milhões" (CRUZ, 2008, p. B23) –, não se pode falar ainda de democratização do acesso, porque a desigualdade social mantém a maioria excluída do acesso à tecnologia, que exige mais do que alfabetização digital.

Tais práticas [da internet], por sua vez, exigem não apenas a posse, o aluguel ou empréstimo de um computador (atualizado e de boa geração, diga-se), mas também a hospedagem num provedor (o que geralmente custa), além do domínio de programas (pelo menos os básicos, de acesso e comunicação a distância, síncrone e assíncrones), daí o risco de uma subclasse de pessoas, sem poder aquisitivo e/ou sem preparo educacional, ficar deixada à margem do vertiginoso turbilhão digital. (SILVA, 2003, p. 30)

No Brasil, a inclusão digital está longe de ser alcançada, mesmo considerando o aumento vertiginoso no número de usuários. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelou, em pesquisa realizada em 2006, que "os municípios com provedores de internet aumentaram 178% no período de sete anos" (WERNECK, 2007, p. C5). Esse número significativo, no entanto, convive lado a lado com escolas rurais nas quais não há energia elétrica.

De início, essa situação levou a previsões acachapantes: as pessoas iriam se desinteressar gradativamente pela leitura e pela produção de textos. No entanto, as novas possibilidades de comunicação – *e-mails*, MSN, *blogs* – passaram a fazer parte do dia-a-dia de muitas pessoas.

O fato inegável é que a comunicação escrita prosperou com o maior acesso à internet, na qual circulam muitos textos. Convites, poesias, memorandos, críticas, jornais, anúncios, avisos, classificados de emprego – tudo se escreve e tudo se lê na internet.

Outro aspecto que ajuda a compreender por que o *e-mail* difundiu-se de forma tão intensa advém das vantagens dessa forma de comunicação: é fácil de usar, fácil de responder (sem ter de deslocar-se até o correio), fácil de ser guardado. A rapidez com que a mensagem é enviada compatibiliza-se perfeitamente à azafama da atualidade.

O objetivo deste artigo é analisar a especificidade da escrita na correspondência eletrônica, usualmente denominada *e-mail*, e compará-la a outros

textos, para desvendar a maneira como se utiliza a linguagem nesse tipo de comunicação, influenciada pelos recursos eletrônicos disponíveis.

Inicialmente analisa-se a estrutura textual do correio eletrônico e depois se apreendem as conseqüências que essa interface traz à produção de texto. Por fim, estuda-se o impacto da comunicação eletrônica na produção textual e na criação de novas linguagens.

Estrutura do correio eletrônico

Escrever um texto manualmente é diferente de digitá-lo. No computador, a habilidade das duas mãos no teclado e *mouse* acompanha ou freia o pensamento. Além disso, o suporte é a tela, e não o papel. Isso altera consideravelmente a produção do texto, pois os suportes digitais têm extensa capacidade de armazenamento. A rolagem do texto na tela, que corresponde a virar as páginas de papel, conta com um meio cuja concretude não é tátil, mas visual.

Essa relação abstrata com a criação acelera sobremaneira a produção, até porque, se o computador ficar parado durante algum tempo, programado pelo usuário, entrará a tela de descanso. Esse recurso, aliado à aceleração das atividades diárias, faz com que a redação de *e-mails* seja feita de maneira rápida. Aqui se encontra um paralelo à língua falada, sobretudo no que se assemelha à fala de improviso.

Embora escrito, o correio eletrônico é menos planejável, menos pensado antes da manifestação. Pensa-se e digita-se quase simultaneamente. Nesse ritmo, o texto tende a apresentar um estilo mais próximo do coloquial, pois o plano formal da linguagem exige maior planejamento e tempo: "[...] o maior tempo de que dispõe o escritor para escrever lhe dá condições para elaborar frases mais densas em termos de significado e mais complexas do ponto de vista sintático [...]" (RODRIGUES, 1993, p. 29). Essa urgência ao escrever impede o planejamento lingüístico rigoroso, que confere coesão e coerência à mensagem escrita.

Os textos do correio eletrônico são sempre anunciados por um tema – ASSUNTO. Dessa característica é possível traçar uma comparação com a produção do texto escrito, ou seja, o escritor deve sempre ter um tema em mente quando se propõe a escrever. Isso faz parte do planejamento temático do texto. O item ASSUNTO, que precede os *e-mails*, tem o mesmo papel, embora nem sempre traga o tópico frasal do texto, talvez porque a pressa com que é concluído impeça a releitura.

Toda fala ocorre num momento temporal conhecido do emissor e do receptor. O espaço pode ser diferente, por exemplo, em uma conversa pelo telefone, mas o tempo é compartilhado pelo falante e ouvinte. A tentativa de recuperar essa identidade temporal aparece no correio eletrônico, cuja entrada tem sido freqüentemente marcada por expressões como "Bom-dia, Boa-tarde ou Boa-noite", sobretudo em correspondências profissionais. Nesse momento, portanto, o texto assume características da língua falada, pois tenta compartilhar o tempo de produção com o receptor.

A língua falada conta com recursos paralingüísticos: a expressão facial, os gestos, os olhares, os movimentos do corpo. Esses elementos transmitem mensagens nem sempre expressas pelo conteúdo das palavras e, por isso, revelam componentes emocionais da linguagem fundamentais na composição da mensagem. O texto digital criou uma maneira de recuperar, pelo menos em alguns aspectos, as diferentes nuances impregnadas em uma comunicação verbal. Trata-se dos *emoticons*, ou *smileys*, criados há 25 anos pelo professor Scott E. Fahlman, da Universidade Carnegie Mellon (SILVA, 2007, p. L4). Eles compõem-se da combinação de caracteres que, vistos de lado, formam expressões faciais, por exemplo:

:-) sorriso, expressão de alegria

:-(tristeza.

O propósito é transmitir o sentimento de quem escreve: alegria, surpresa, raiva, dúvida etc. Nesse aspecto pode-se observar a tentativa de recuperar elementos que ocorrem na comunicação face a face, o que também acontece quando se enfatizam expressões de surpresa ou dúvida por meio da repetição de sinais de pontuação, por exemplo: !!!!! ou ????????

Expressões abreviadas também foram criadas com o propósito de agilizar a redação dos textos. A partir dessas reduções, os jovens foram mais longe e criaram uma linguagem própria, adequada à rapidez existente nas comunicações via internet. Há até expressões sem possibilidade de realização fonética, pois comportam apenas consoantes. Alguns exemplos dessas criações são:

9dades novidades

aKi aqui

axu acho

blz beleza

cmg comigo

kd cadê

pf por favor.

O "internetês", como ficou conhecido esse tipo de linguagem, é utilizado em programas de mensagens instantâneas, salas de bate-papo e em alguns *blogs*, diários mantidos em segredo em gerações anteriores e hoje publicados sem censura na internet. Trata-se de um código ultra-reduzido usado para identificar um grupo e, portanto, tem o mesmo papel das gírias usadas pelos jovens. A familiaridade com os paradigmas da tecnologia advém de esses jovens terem sido criados no mundo digital. A geração que conviveu com a internet durante a infância acostudou-se ao tipo de comunicação desse meio – agilidade, sons e imagens, flexibilidade na busca de informação etc. Claro que esses nativos digitais foram fortemente influenciados por esses recursos, a ponto de adaptar-se a eles e inová-los.

Ela [a linguagem típica dos jovens na internet] é fruto da primeira geração de jovens que foi alfabetizada ao mesmo tempo em que aprendia a se comunicar pela internet. A necessidade de conversar usando o teclado do computador de forma ágil fez com que, rapidamente, o *internetês* se alastrasse em quase todos os grupos de adolescentes com acesso à internet. (GOIS, 2005, p. C6)

Os jovens revelam criatividade ao inovar a linguagem. É preciso, no entanto, que sejam orientados pelos professores de que esse uso deve se restringir à internet, nas situações em que se comunicam com amigos. Reconhecer as adequações lingüísticas necessárias a cada contexto é uma habilidade fundamental ao desenvolvimento da competência comunicativa do falante. Da mesma forma como incorporou textos jornalísticos e revistas como objetos de estudo nas aulas, a escola deve fazer o mesmo em relação à correspondência eletrônica, para que o aluno desenvolva a habilidade de perceber a adequação lingüística própria às diferentes situações comunicativas.

Embora, eventualmente, uma ou outra forma possa *vazar* para outro tipo de texto, é pouco provável que haja uma *invasão* dessas formas para outros gêneros que visam outras práticas sociais. Desse ponto de vista, não há razão para se temer que o *internautês* domine a língua de maneira avassaladora. (FREIRE, 2003, p. 70)

Uhlírová (1994) desenvolveu uma pesquisa em 1992 com *e-mails* enviados por dois pesquisadores da cidade de Praga. O *corpus* teve mais de 100 textos, dos quais 50 foram respondidos. A maioria foi escrita em língua inglesa. Na análise dos dados, a autora comprovou que, se o texto é longo, ele apresenta a mesma estrutura das cartas, ou seja, aparecem uma introdução e um fecho mais ou menos convencionais. Mesmo em *e-mails* curtos, há um cumprimento (Dear ___) e uma frase de despedida.

Na estrutura dos textos, a pesquisadora não encontrou anacolutos, hesitações ou correções de parte das sentenças. As estruturas são regulares, completas, coerentes e algumas têm complexidade redacional. Como a mensagem tende a ser econômica, há elipses.

A conjunção predominante é *e*. O processo de coesão frásico, portanto, aproxima-se mais da língua falada do que da escrita, com uso escasso de conjunções subordinadas e complexas.

A coesão textual com o *e-mail* recebido contribui para a forma de diálogo, pois respostas e comentários são feitos ao texto que se recebeu.

Portanto, trata-se de uma combinação entre língua falada e língua escrita. Os *e-mails* apresentam um tipo de texto que recorre à língua escrita e língua falada,

produzindo uma linguagem que não é apenas uma mescla entre as características dessas duas linguagens. Como a proposta funcionalista de Halliday (1994) já demonstrou, a construção de frases na língua falada ou na língua escrita baseia-se no mesmo sistema lingüístico, mas os meios empregados na produção de ambas são tão diferentes que levam a produtos lingüísticos finais muito diferenciados.

Além disso, há a limitação dos recursos gráficos disponíveis, o que aconselha evitar exposição de conteúdo emocional, porque a intenção nem sempre é transmitida de maneira inequívoca. A redação eletrônica, portanto, não é apenas uma escrita oralizada ou uma oralidade na escrita, pois nela também interagem elementos das condições de produção do meio eletrônico – o teclado, a tela, a configuração, a forma de envio e recebimento etc. Sem contato físico com o papel, escrever no computador é diferente de criar na máquina de escrever, manual ou elétrica. Essas condições da interface com a máquina interferem de forma decisiva na produção do texto.

Conseqüências na linguagem

Os recursos do computador permitem "copiar" e "colar", além de apagar todas as alterações. Essa correção asseada apaga todos os vestígios do processo de criação. Desse modo, dilui-se a noção de autoria, o que aumenta a quantidade de textos apócrifos na internet. Jabor reclama da quantidade de textos erroneamente atribuídos a ele e divulgados na internet: "Luto diuturnamente contra cacófatos e jamais escreveria 'cós acaba' [...] Na internet, eu sou machista, gay, homofóbico, idiota, corno e fascista". (JABOR, 2008, p. D12)

O fato é que a internet leva a extremos o afastamento do autor, que já havia sido preconizado anteriormente. O surrealismo, por exemplo, contribuiu para a dessacralização da figura do autor, ao aceitar a experiência do texto coletivo. De fato, não é o autor que fala, mas a linguagem. As teorias sobre o discurso também renunciaram o deslocamento do autor para as posições periféricas, já que a linguagem não conhece uma pessoa, mas um sujeito.

O autor Jorge Luis Borges comete o parricídio literário ao declarar que a voz perde a origem e que a palavra existe como mero exercício do símbolo. Uma vez que não há paternidade literária, Borges não economiza referências a autores que seriam os verdadeiros (?) autores dos textos borgeanos, não se furtando a atribuições errôneas, anacronismo deliberado, numa espécie de brincadeira erudita. Em "Tlon, Uqbar, Orbis Tertius", o autor registra que "Todos los hombres que repiten una línea de Shakespeare, son William Shakespeare". (BORGES, 1989, p. 438)

Não se percebe a interferência de terceiros na produção de textos como sendo uma violação, provavelmente em função dos próprios recursos da internet. "Os textos, por sua vez, encontram-se desterritorializados, seu suporte – o meio virtual eletrônico – não tem a limitação física do papel, e isso lhes permite a reconstrução coletiva, favorecendo assim a autonomia na difusão de mensagens". (AMARAL, 2003, p. 108)

A situação atual lembra os primeiros momentos da imprensa, quando vários editores podiam publicar a mesma obra sem problemas, pois a maioria dos textos eram reimpressões de textos antigos conhecidos pela divulgação em manuscritos. No entanto, a organização do mercado editorial levou a um aumento no número de publicação contemporânea, acirrando a disputa entre os editores em relação ao preço da obra bem como à remuneração do autor. (FEBVRE; MARTIN, 1992)

O fato é que a facilidade na utilização das teclas "copiar" e "colar" ainda não alterou a noção de autoria presente na atualidade. Por isso é importante que os professores orientem os alunos sobre como fazer a citação literal e referência bibliográfica das consultas realizadas na obra de terceiros, sejam textos impressos ou digitais.

Todos os recursos disponíveis na língua e no computador – a estrutura verbal, as prescrições do código lingüístico, os caracteres alfanuméricos, os símbolos e desenhos etc. – influenciam na criação do texto, assim como a comunicação é sempre moldada pelo meio a que ela recorre.

Any medium of communication, be it a computer or a sheet of paper, can be characterized by its own communicative strategies, more or less specific to it and differing from those used with other media. Everybody knows from his or her own experience that a face-to-face dialogue does not look like a telephone call and that a telephone call inviting a friend to come and see someone is not the same things as a handwritten or typed letter containing the same invitation. In other words, the technological medium influences both our speech and writing. (UHLÍROVÁ, 1994, p. 273)

Os textos do correio eletrônico não são apenas língua escrita, embora não apresentem também todas as especificidades da língua falada. Trata-se de uma comunicação híbrida, na qual as características da fala e do escrito aparecem em diferentes momentos, o que faz com que essa produção produza alterações nessas duas linguagens.

It [*e-mail*] contributes significantly to the development of language use offering new writing strategies (including some oral-like strategies in writing) in the frame of new constraints and requirements of the medium. Although written in its substance, *e-mail* messages are in some respects no less interactive than speech, and as such, they bring clear evidence of speech and writing as blurring categories. (UHLÍROVÁ, 1994, p. 280)

Do ponto de vista redacional, a pressa é o elemento definidor do texto. A mensagem tem que ser breve e objetiva. Como o receptor lerá apenas o início do *e-mail*, convém concentrar aí as informações mais importantes, aquilo que constitui o

cerne da mensagem. Nesse aspecto, nota-se um paralelo com a linguagem jornalística, cuja notícia inicia-se com o *lead*, que apresenta os elementos principais do texto: quem, o quê, quando, onde, como e por quê. Essa pirâmide invertida faz com que as informações menos relevantes fiquem no final do texto, de forma que, se a leitura for interrompida, não haverá perda das informações mais significativas do texto, concentradas no início.

A leitura também se altera. Pesquisas mostram que "79% dos leitores olham rapidamente o conteúdo da página e que apenas 16% desse total fazem a leitura do texto palavra por palavra" (ALMEIDA, 2003a, p. 34). Habitado a ir de um *site* a outro por meio de *links*, o leitor do correio eletrônico lê trechos soltos e busca, por meio desses saltos no significado, apreender o todo. A pressa compromete a clareza e a compreensão do texto, porque, no tocante à produção, a ausência de releitura impede exatidão na mensagem e, em relação à recepção do texto, a leitura acelerada atrapalha a apreensão do sentido.

Na comunicação por *e-mail*, é freqüente que os leitores não leiam as mensagens na íntegra, solicitando ao remetente informação constante da mensagem original. A leitura é geralmente superficial e incompleta, impedindo a sua total compreensão. A confusão é enorme. (ALMEIDA, 2003b, p. 97)

Isso significa que a tecnologia ampliou o acesso à informação e à produção de saber, mas essa mudança parece ter sido mais quantitativa do que qualitativa. Vêm-se muitos *sites*, fazem-se muitas pesquisas, mas lê-se pouco. Além disso, os procedimentos de leitura foram inevitavelmente alterados. A rapidez exagerada reduz a reflexão, conforme a pesquisadora Ana Maria Brambilla já demonstrou:

Essa geração não absorve tudo por completo. Não dá para entender toda a informação que recebem. O que acontece é que, cada vez mais, perdem a paciência com textos longos, como os de jornais e revistas. Tudo tem de ser curto, como um SMS do celular ou uma mensagem curta do Twitter. (MARTINS, 2007, p. L10)

Outra consequência importante a considerar é o suporte dos textos dos *e-mails*. O texto digitado e lido na tela é diferente do texto impresso, o que resulta em formatações também diferenciadas. A mesma distinção ocorre entre texto projetado por multimídia e texto impresso. As letras serifadas, por exemplo, são adequadas para impressão, mas atrapalham a leitura se forem usadas na projeção. Em ambos os casos, varia o tamanho das letras, a diagramação, a utilização das cores, pois são processos de recepção diferenciados: ler em um telão ou na tela do computador ou no papel levam a diferenças atitudinais por parte do receptor. Como a tecnologia do multimídia

é relativamente recente, vêm-se ainda telas com excesso de texto, que mais atrapalham do que facilitam a apresentação.

As ferramentas tecnológicas difundem-se rapidamente no Brasil, país que concentra a maior comunidade de usuários de MSN do mundo (CANÇADO, 2007). No entanto, parece que não houve tempo suficiente para que a familiaridade com as produções textuais escritas fossem alicerçadas. O livro e a escrita continuam sendo, para muitos, objetos de desconhecimento ou de repulsa. Isso prejudica consideravelmente o aproveitamento que se poderia ter dos recursos tecnológicos.

[...] é evidente o fato de, nos países periféricos, amplas camadas da população terem sido colocadas rapidamente diante das tecnologias da comunicação e suas linguagens sedutoras sem que para tanto houvessem convivido de forma mais intensa e sistemática com os signos verbais impressos. É compreensível, portanto, sejam encontrados autores que atribuem o nosso déficit de leitura à inexistência de uma "maturidade" na convivência com textos impressos. (CITELLI, 2000, p. 149)

Considerações finais

Como a língua falada, os *e-mails* apresentam uma tendência ao estilo coloquial, resultante da rapidez com que são produzidos, o que cria um texto próximo à fala improvisada. A maior utilização da conjunção **e**, em vez de conjunções subordinadas, também revela menor complexidade estrutural, como ocorre nas comunicações orais diárias. Há uma tentativa de criar um tempo compartilhado por emissor e receptor ("Bom-dia"). Nas respostas, relacionam-se tematicamente os textos, pois há referência direta àquilo que se responde, como em um diálogo. Além disso, tenta-se demonstrar o sentimento, por meio da utilização de *emoticons* — :-) —, com a intenção de trazer elementos paralingüísticos que ocorrem em uma conversa face a face. Finalmente, os *e-mails* não têm resíduos de marcas de oralidade (anacolutos, hesitações, correções, elipses, muletas lingüísticas como ah... né... etc.).

Observados sob a ótica da língua escrita, os *e-mails* têm um planejamento menor do que se espera de um texto escrito, pois o pensamento e a digitação fluem quase simultaneamente. O ASSUNTO, que antecede o texto, representa o planejamento temático, embora nem sempre corresponda ao tema principal. As correções não aparecem, tornando o texto isento de hesitações. A concisão e o privilégio das informações mais importantes situadas no início do texto aproximam o texto da produção jornalística, sobretudo no que diz respeito à notícia. Por último, a assinatura indica que aquele é o final do texto, portanto, não é preciso rolar a página na tela.

Esse paralelo entre o correio eletrônico e a língua falada e a escrita mostra que não é possível classificá-lo em nenhuma delas, pois ora encontram-se características

de uma e ora de outra. Trata-se de uma linguagem híbrida, sujeita a mudanças constantes.

As diferenças físicas em relação ao texto impresso – teclado, tela, *mouse* – inevitavelmente produzem diferenças atitudinais na forma de compor a mensagem, bem como na recepção dela. Surgem formas lingüísticas diferenciadas, devido à nova relação com os textos, com a criação e o produto. Geradas pelo novo contexto cultural e pelos recursos disponíveis na máquina, novas linguagens abrem espaço entre as tradicionalmente conhecidas.

O *e-mail* não apresenta as condições de comunicação prototípica nem da língua falada, nem da língua escrita. A palavra utilizada no correio eletrônico é inovadora, acelerada, como a própria tecnologia na qual se produz. Os paradigmas até então existentes em relação ao texto sofrem desvios. A idéia de que todo texto tem introdução, desenvolvimento e conclusão, por exemplo, altera-se na análise dos *e-mails*, que pedem um breve cumprimento, seguido da informação central do texto e uma breve despedida. Textos curtos, que não exijam o rolamento da tela, têm mais chances de ser compreendidos, pois já se sabe que a leitura não excederá um rápido passar de olhos.

Enquanto no texto impresso a leitura tende a ser mais cartesiana, na tela alteram-se os processos de aprendizado cognitivo. Os recursos da tecnologia quebram a linearidade, possibilitam saltos na leitura e rechaçam a leitura feita do começo, para o meio, para o fim. Aliás, a possibilidade de ir de um texto a outro, por meio de *links*, mostra a relatividade da estrutura textual: não há começo, meio e fim, exceto o definido pelo leitor do texto no momento da leitura, em atitude rápida e não repetida. Tudo indica que essa rapidez reduza a reflexão e crie uma leitura mais dispersa, o que pode trazer implicações para outros tipos de leitura, inclusive de textos impressos.

É importante considerar de que forma essas alterações no ato de escrever e de ler interferem no processo de aprendizado, ou seja, como as escolas devem adequar-se a essa nova realidade de autores e leitores. No Brasil, as lacunas na formação dos alunos podem fazer com que muitos deles passem de um analfabetismo funcional para o analfabetismo digital, com prejuízos intransponíveis. Em vez de aproveitar positivamente as vantagens do progresso tecnológico, pois a facilidade no acesso da informação requer conhecimento no processo de seleção, corre-se o risco de não saber discernir conhecimentos pertinentes entre todos os disponíveis.

Escrever textos coesos e coerentes de forma rápida exige bom poder de síntese, o que ainda não está sedimentado na maioria dos usuários da língua, devido a lacunas no ensino e também à falta do hábito de leitura. Embora os editores de texto, com corretor ortográfico e gramatical, ajudem na construção da mensagem, os processos de coesão e coerência precisam ser analisados levando em conta o significado, o que escapa aos programas de correção de texto. Conhecer as especificidades da escrita, portanto, continua a ser uma habilidade necessária, independentemente da tecnologia.

Da mesma forma que a sala de aula incorporou o texto jornalístico e as histórias em quadrinhos no *corpus* de estudo, ela deve também analisar a

correspondência digital, para mostrar os caminhos comunicacionais válidos neste recurso tecnológico. Mostrar a importância do hábito de leitura como facilitador na obtenção de textos coesos, coerentes e concisos é outra intervenção que a escola deve realizar. A discussão de conceitos éticos em relação à produção alheia também deve ser enfatizada, pois cada vez mais os trabalhos dos alunos são meras cópias de textos da internet, com contribuição ínfima ou nula à formação deles. Agindo dessa forma, o ensino contribuirá positivamente para a elaboração da competência pragmática dos alunos nesse meio de comunicação que veio para ficar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. Q. de. O leitor navegador (I). In: SILVA, E. T. da. (Coord.) et al. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003a. p. 33-38.

_____. O leitor navegador (II). In: SILVA, E. T. da. (Coord.) et al. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003b. p. 89-106.

AMARAL, S. F. do. As novas tecnologias e as mudanças nos padrões de percepção da realidade. In: SILVA, E. T. da. (Coord.) et al. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 107-114.

BORGES, J. L. *Obras completas: 1923-1949*. Barcelona: Emecé, 1989.

CANÇADO, P. Brasil se torna a pátria do MSN Messenger. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 20 ago. 2007. Negócios, p.B12.

CITELLI, A. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: SENAC, 2000.

CRUZ, R. Brasil já tem 42 milhões de usuários de internet. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 28 jun. 2008. Economia, p. B23.

FEBVRE, L.; MARTIN, H. *O aparecimento do livro*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto e Guacira M. Machado. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista/Hucitec, 1992.

FREIRE, F. M. P. Formas de materialidade lingüística, gêneros de discurso e interfaces. In: SILVA, E. T. da. (Coord.) et al. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 65-88.

GOIS, A. Pq us jovens tc axim? *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 24 abr. 2005. Cotidiano, p. C6.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

JABOR, A. Há um "sub-eu" rolando na internet. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 17 jun. 2008. Caderno 2, p. D12.

MARTINS, R. Geração "tudo ao mesmo tempo" quebra paradigmas. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 17 set. 2007, p. L10.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p. 13-32.

SILVA, M. M. e S. Aprenda a usar os seus *emoticons*. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 29 out. 2007, p. L4.

SILVA, E. T. da. (Coord.) et al. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

UHLÍROVÁ, L. E-mail as a new subvariety of medium and its effect upon the message. In: CMEJRKOVÁ, S.; STÍCHA, F. (Eds.) *The syntax of sentence and text: a festschrift for Frantisek Danes*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. v. 42. p. 273-282.

WERNECK, F. Número de municípios com acesso à internet cresce 178%. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 18 set. 2007. Cidades/Metrópole, p. C5.